



CONCILIAR A FAMÍLIA E O TRABALHO: A DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE HOMENS E MULHERES

Opções para o futuro em matéria de emprego

Durante o Verão e o Outono de 1998, a Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho levou a cabo um importante inquérito sobre as opções para o futuro em matéria de emprego nos 15 Estados-Membros e na Noruega. Quem deseja trabalhar, quando e porquê, foram as grandes questões examinadas pelo inquérito, que procurou saber a opinião das pessoas que à data do inquérito tinham trabalho remunerado ou que pretendiam ingressar no mercado de trabalho nos cinco anos seguintes. Este folheto resume as principais conclusões do inquérito no que diz respeito à participação actual no trabalho remunerado e às futuras preferências de ambos os elementos do casal.

Principais resultados

- Mais de dois terços da mão-de-obra da União Europeia e da Noruega são pessoas casadas ou a viverem com um(a) companheiro(a). O que significa que as decisões relativas à participação no mercado de trabalho e às horas de trabalho irão afectar não só a pessoa em causa, como também o seu ou a sua companheira.
- O total combinado das horas de trabalho semanais despendidas por ambos os elementos do casal no emprego remunerado atinge as 62 horas. Os casais com dificuldades financeiras despendem significativamente menos tempo (53 horas) em trabalho remunerado, em comparação com os casais que se consideram em boa posição financeira (66 horas).
- A presença de crianças num agregado familiar tem uma influência relativamente pequena no número de horas despendidas em trabalho remunerado, se bem que os dados recolhidos indiquem que numa em cada quatro famílias com crianças, o homem trabalha a tempo inteiro, enquanto que a mulher trabalha a tempo parcial.
- Numa grande percentagem dos agregados familiares (43%), apenas um dos elementos do casal auferem um salário, sendo na maioria dos casos o homem o único a ter um emprego remunerado.
- Perto de um terço (31%) dos casais afirmou que prefeririam a opção em que o homem trabalha a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial, embora esta opção apenas seja seguida por 20% dos casais.
- Um número significativo de casais (16%) afirmou que prefeririam a opção de trabalho a tempo parcial para ambos os membros do casal. No entanto, actualmente, apenas 2% desses casais escolheu esta opção.
- Contrariamente à situação actual, ambos homens e mulheres afirmaram que prefeririam ver uma participação mais equitativa de ambos os parceiros no trabalho remunerado: a maioria dos homens e das mulheres considera que não só o homem, mas também a mulher deviam ter um emprego remunerado.



Como é que as famílias estabelecem a ordem de prioridades, em termos de disponibilidade de tempo, em relação às diferentes exigências decorrentes do trabalho e da vida familiar na Europa moderna? E, mais concretamente, como é que os homens e as mulheres que vivem com o seu ou a sua companheira repartem o seu tempo entre as duas esferas e decidem quem faz o quê?

Se bem que seja geralmente reconhecido que os casos de pessoas a viverem sozinhas por opção e de famílias monoparentais são cada vez mais frequentes na Europa, o inquérito sobre as opções para o futuro em matéria de emprego aqui em análise centra-se no modo como o trabalho remunerado é repartido pelos dois elementos do casal. Este é um assunto importante para a maioria da população activa, tendo em conta que mais de dois terços dos trabalhadores na UE e na Noruega são casados ou vivem com o seu ou a sua companheira.

Mulheres empregadas: cenários actuais e futuros

Nos 15 Estados-Membros da UE e na Noruega, aproximadamente metade das mulheres com idades compreendidas entre os 16 e os 64 anos estão empregadas. As taxas de emprego feminino diferem bastante de país para país, situando-se abaixo dos 30% em Espanha e ultrapassando os 70% na Dinamarca, na Suécia e na Noruega. Dois terços das mulheres empregadas são casadas ou vivem com o seu companheiro. Um terço das mulheres é solteira.

No que diz respeito ao tipo de trabalho escolhido, pouco mais de metade (58%) das mulheres casadas ou que vivem com o seu companheiro tem empregos a tempo inteiro, enquanto que 41% delas trabalham em regime de tempo parcial ⁽¹⁾. Em contrapartida, o trabalho a tempo inteiro é muito mais comum entre as mulheres solteiras (71%).

De um modo geral, quase todos os parceiros das mulheres empregadas, casadas ou não, estão empregados a tempo inteiro. Só uma pequena percentagem dos companheiros (13%) não tem um emprego remunerado, por se encontrarem desempregados, serem estudantes ou estarem reformados. Além disso, apenas 3% das mulheres que trabalham a tempo inteiro vivem com uma pessoa empregada a tempo parcial.

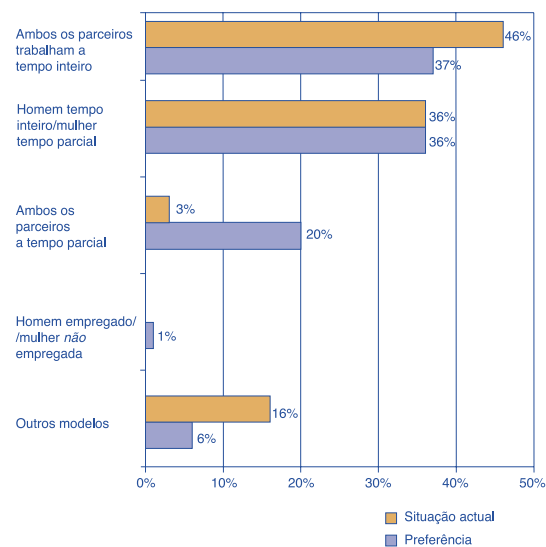
A grande maioria das mulheres desempregadas (ver a figura 1) casadas ou que vivem com o seu companheiro está incluída numa das duas categorias seguintes:

- *ambos os parceiros trabalham a tempo inteiro*: esta situação representa quase metade (46%) dos casos;
- *a mulher trabalha a tempo parcial e o seu companheiro trabalha a tempo inteiro*: esta situação representa 36% dos casos.

De referir ainda que os dados apresentados na figura 1 referem-se apenas às mulheres que se encontravam

empregadas à data do inquérito. Por isso, a combinação «*homem empregado e mulher não empregada*» não foi tida em consideração para a elaboração deste gráfico que apresenta apenas as preferências futuras. As opiniões das mulheres que, à data do inquérito, não tinham um trabalho remunerado serão tidas em consideração mais adiante, quando se passar à análise da situação dos casais.

Figura 1 — Situação das mulheres empregadas casadas ou que vivem com o seu companheiro ⁽²⁾



Existem diversos motivos que levam as mulheres a optar por um emprego, nomeadamente motivos pessoais, tais como a necessidade de auferir um salário, e motivos de carácter social, tais como o acesso a infantários para os filhos, vantagens em termos do sistema de segurança social e valores culturais predominantes. No entanto, se bem que a maioria das mulheres actualmente empregadas deseje que ambos os elementos do casal mantenham os seus empregos remunerados, essas mulheres, de um modo geral, gostariam que elas próprias e os respectivos companheiros trabalhassem menos horas. As disparidades mais evidentes entre a situação actual e as preferências indicadas foram encontradas nos seguintes modelos:

ambos os parceiros trabalham a tempo inteiro: embora esta situação se aplique a 46% das mulheres empregadas e aos respectivos companheiros, só 37% dos últimos indicaram preferir esta situação;

ambos os parceiros trabalham a tempo parcial: embora apenas 3% das mulheres empregadas que vivem com o seu companheiro tenham optado por esta modalidade, 20% das mulheres entrevistadas gostariam de poder fazê-lo. Igualmente significativo é o facto de uma elevada percentagem de homens (17%) ter indicado que optaria por este regime de trabalho.

⁽¹⁾ Os números foram arredondados, por excesso ou por defeito, para o número total mais próximo, pelo que a soma das percentagens nem sempre totaliza os 100%. De realçar que apenas os entrevistados que responderam às perguntas correspondentes foram incluídos nos números apresentados.

⁽²⁾ Os outros modelos são: homem que trabalha a tempo parcial/mulher a tempo inteiro, homem não empregado/mulher empregada, ambos os parceiros não empregados.



No que diz respeito à modalidade «*homem a trabalhar a tempo inteiro, mulher a trabalhar a tempo parcial*», a incidência actual corresponde às preferências das mulheres — pelo menos numa visão de conjunto. Esta modalidade é actualmente seguida por 36% das mulheres empregadas casadas ou que vivem com o seu companheiro, sendo que um número semelhante afirmou que preferia este tipo de situação.

Uma percentagem muito reduzida destas mulheres (2%) estaria disposta a abandonar definitivamente um emprego remunerado. Do mesmo modo, uma percentagem relativamente pequena (5%) afirmou estar disposta a ver o seu companheiro nesta situação, comparativamente à situação constatada à data do inquérito em que 13% dos parceiros não tinham emprego.

Os resultados do inquérito revelam que os parceiros da maioria das mulheres empregadas, quer sejam casadas ou não, têm um emprego remunerado. Em geral, essas mulheres mostram-se satisfeitas com o modelo de família em que ambos os elementos do casal auferem ordenados. No entanto, se compararmos com a situação actual, as mulheres empregadas demonstram menos interesse por um trabalho a tempo inteiro e um maior interesse por um trabalho a tempo parcial — tanto para elas como para os seus parceiros.

Homens empregados: cenários actuais e futuros

As actuais taxas de emprego para os homens são geralmente superiores às registadas para as mulheres. Nos 15 Estados-Membros da UE e na Noruega, 71% de todos os homens com idades compreendidas entre os 16 e os 64 anos têm actualmente um emprego remunerado. As taxas de emprego masculino em comparação com as taxas de emprego feminino não variam tanto de país para país. Um dos aspectos comuns é que dois terços (70%) dos homens empregados são casados ou vivem com a sua companheira, sendo que apenas 30% são solteiros.

A grande maioria dos homens empregados trabalha a tempo inteiro, ao passo que a percentagem de homens que trabalha a tempo parcial atinge apenas os 9%. É interessante verificar que o trabalho a tempo parcial é mais frequente entre os homens solteiros (17%) do que entre os homens casados ou que vivem com a sua companheira (5%) — tal deve-se normalmente ao facto de que os primeiros são geralmente estudantes que trabalham simultaneamente a tempo parcial.

No que diz respeito à actual divisão do trabalho remunerado entre homens e mulheres, casados ou que vivem com a/o respectiva/o companheira/o, existem três categorias predominantes (ver a figura 2):

- *ambos os parceiros trabalham a tempo inteiro*: esta situação aplica-se a 38% dos homens empregados que são casados ou vivem com a sua companheira;
- *o homem tem um emprego (quer a tempo inteiro quer a tempo parcial) e a mulher não*: esta situação aplica-se a 38% da mesma categoria de homens;

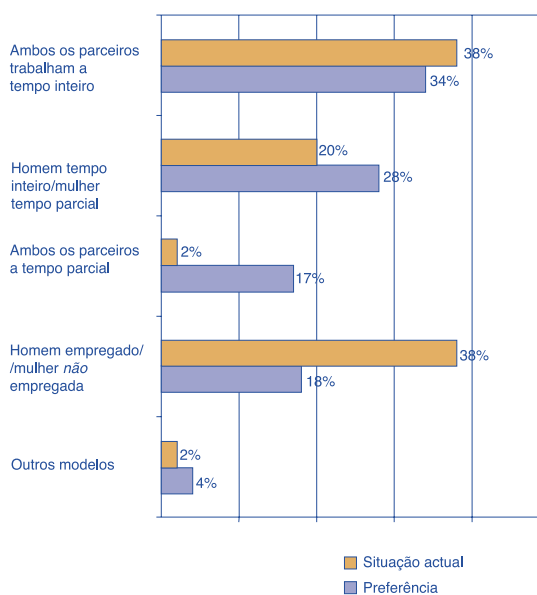
- *o homem tem um emprego a tempo inteiro e a mulher tem um emprego a tempo parcial*: esta situação aplica-se a 20% dos homens empregados.

No entanto, esta divisão do trabalho remunerado entre ambos os parceiros não corresponde às preferências expressas pelos homens:

- enquanto que actualmente 38% dos homens empregados, quer sejam casados ou não, vivem com uma companheira sem qualquer tipo de trabalho remunerado, apenas 18% desses homens afirmaram preferir esta situação. Tal significa que a maioria dos homens gostaria que as suas mulheres ou companheiras tivessem uma participação activa em termos de emprego remunerado;
- se bem que apenas 2% dos homens empregados trabalham a tempo parcial e vivem com uma companheira que também trabalha a tempo parcial, 17% afirmam que preferem este modelo. Este número aproxima-se bastante da percentagem de mulheres (20%) que se mostrou interessada numa solução deste género para o casal.

De um modo geral, a maioria (81%) dos homens empregados indicou que preferiria que as respectivas mulheres ou companheiras tivessem um emprego remunerado, tendo referido que neste caso seria preferível que as mesmas trabalhassem a tempo parcial (45%) em vez de trabalharem a tempo inteiro (35%). Apenas uma pequena minoria dos homens empregados indicou que preferiria que as respectivas mulheres ou companheiras não tivessem qualquer tipo de emprego remunerado. No que lhes toca, quer sejam casados quer vivam com uma companheira, a maioria deles afirma que prefere o emprego a tempo inteiro (76%). No entanto, uma percentagem relativamente significativa dos homens (22%) indicou que preferiria trabalhar a tempo parcial.

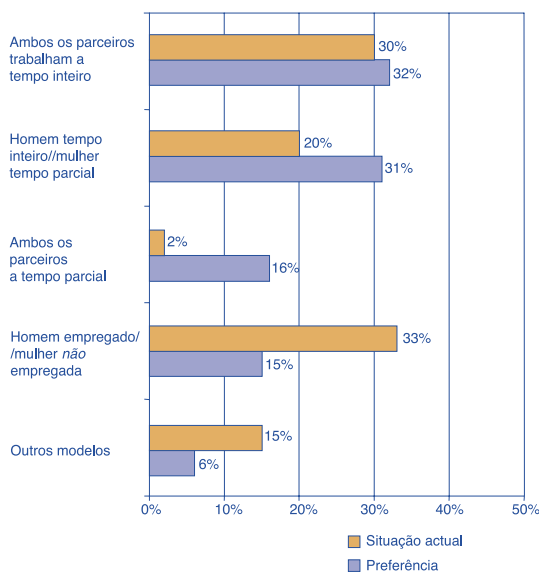
Figura 2 — Situação dos homens empregados casados ou a viver com uma companheira



Padrões de trabalho e preferências dos casais

Nas duas secções anteriores apresentámos as opiniões individuais das mulheres e dos homens que têm um emprego remunerado e que são casados ou vivem com o seu ou a sua companheira. Numa visão global, as respostas das mulheres e dos homens são, em grande medida, coincidentes — não só em termos da situação actual a nível de emprego e do tempo despendido no trabalho, mas também em termos de correspondência das suas preferências. Ao combinarmos as respostas tanto dos homens como das mulheres, obtemos uma imagem dos actuais padrões de trabalho remunerado dos casais e das suas preferências para o futuro.

Figura 3 — Padrões de trabalho dos homens e das mulheres que vivem com a sua ou o seu companheiro



Base: Todos os casais.

Os resultados do inquérito permitem identificar os seguintes quatro tipos de modelos de emprego para casais, que se revelam importantes quer em termos numéricos quer políticos (ver a figura 3):

- *ambos os parceiros trabalham a tempo inteiro*: modelo actualmente seguido por 30% dos casais na UE e na Noruega; um número ligeiramente superior (32%) afirmou que preferiria optar por este tipo de modelo no futuro. É no entanto interessante verificar que os casais que optam por este modelo não são necessariamente os mesmos que actualmente o praticam;
- *o homem trabalha a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial*: modelo actualmente seguido por 20% dos casais; uma percentagem superior (31%) indicou que gostaria de seguir este modelo no futuro;
- *ambos os parceiros trabalham a tempo parcial*: se bem que um número bastante pequeno de casais (2%) tenha optado por este modelo, um número

significativamente superior (16%) afirmou que preferiria esta modalidade;

- *o homem está empregado e a mulher não*: modelo actualmente seguido por um em cada três casais, só 15% afirmaram que prefeririam este modelo no futuro.

Em termos gerais, os dados do inquérito revelam que a grande maioria dos casais na UE e na Noruega prefere que ambos os elementos tenham um emprego remunerado. Ao contrário do que acontece actualmente, existe um interesse manifesto por mais trabalho a tempo parcial — em especial entre as mulheres, mas também entre os homens.

Níveis de satisfação

Os números acima apresentados só nos fornecem informação acerca das diferentes modalidades de trabalho actuais ou das preferências dos casais, não nos fornecendo qualquer tipo de informação sobre o nível de satisfação dos casais no que diz respeito às modalidades de trabalho adoptadas ou até que ponto é que prefeririam outros tipos de repartição do tempo despendido no trabalho e da participação no mercado de trabalho.

Uma análise mais pormenorizada mostra-nos que a situação actual vai frequentemente — mas nem sempre — ao encontro das preferências dos casais quando ambos os membros têm um emprego remunerado.

Quando *ambos os parceiros trabalham a tempo inteiro*, mais de metade dos casais (55% dos homens e 55% das mulheres) mostra-se satisfeito com esta opção. Os outros 45% referem que prefeririam outras modalidades: um em cada cinco revela que preferiria que o homem trabalhasse a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial, enquanto que um em cada sete revela que preferiria a modalidade em que ambos os elementos trabalhassem a tempo parcial.

Um padrão semelhante pode ser encontrado no modelo «*o homem trabalha a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial*». Mais uma vez, mais de metade dos entrevistados (62% das mulheres e 55% dos homens) revela-se satisfeito com esta modalidade. No que diz respeito às preferências futuras expressas por este grupo, só 12% das mulheres e 11% dos homens afirmaram que prefeririam que ambos os membros do casal trabalhassem a tempo inteiro. E um número ainda menor (2% das mulheres e 9% dos homens) afirmou que preferiria que o homem trabalhasse a tempo inteiro e que a mulher não participasse no mercado de trabalho. Um número relativamente significativo — um em cada seis casais — referiu que preferiria o modelo em que ambos os parceiros trabalhassem a tempo parcial: a atractividade deste modelo parece aumentar nos casos em que um dos membros do casal já trabalha a tempo parcial.

Casais em que *ambos os membros trabalham a tempo parcial* parecem estar bastante satisfeitos com a sua escolha. Dois terços dos entrevistados deste grupo encontram-se na feliz posição de trabalharem de acordo com as suas preferências. Actualmente, apenas 2% de todos os casais optaram por este tipo de modalidade de trabalho, ao passo que 16% afirmam que dariam preferência a esta modalidade.



Se considerarmos os casais em que *o homem está empregado e a mulher não*, menos de metade (40% das mulheres e 33% dos homens) afirmaram ser este o tipo de modalidade preferida. Outras modalidades preferidas por este grupo são *o homem a trabalhar a tempo inteiro e a mulher a trabalhar a tempo parcial* (29% das mulheres e 20% dos homens); *ambos os membros trabalham a tempo inteiro* (19% dos homens e 17% das mulheres) e *ambos os membros trabalham a tempo parcial* (12% dos homens e 7% das mulheres).

Um número muito restrito de entrevistados (menos de 20%) revelou-se satisfeito com a situação *em que o homem não está empregado* ou com a situação *em que a mulher trabalha mais horas do que o homem*. De um modo geral, os homens e as mulheres concordam que seria desejável que o homem tivesse um trabalho remunerado e trabalhasse pelo menos o mesmo número de horas por semana que a sua mulher ou companheira.

Diferenças entre homens e mulheres

Actualmente existem ainda diferenças significativas entre homens e mulheres, quer sejam casados ou vivam com a sua ou o seu companheiro, no que diz respeito à distribuição dos empregos e repartição das horas despendidas no trabalho. Os homens casados ou que vivem com a sua companheira não só se encontram mais frequentemente numa situação de trabalho remunerado do que as suas mulheres ou companheiras, como também, de um modo geral, trabalham mais horas. Estas diferenças específicas entre homens e mulheres estão igualmente presentes, se bem que a um nível inferior, quando examinamos as preferências dos casais. Comparando com a situação actual, surge como desejável uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres manifestam um maior interesse pelo trabalho a tempo parcial, embora se verifique igualmente um aumento do interesse pelo trabalho a tempo parcial por parte dos homens. Em termos gerais, o inquérito revela que a maioria dos casais preferiria que a participação no mercado de trabalho e o tempo despendido no trabalho

fossem repartidos de forma mais equitativa. Além disso, as preferências indicadas tanto pelos homens como pelas mulheres são altamente coincidentes.

Total de horas de trabalho no agregado familiar

Na UE e na Noruega existem cerca de 66 milhões de agregados familiares em que pelo menos um dos parceiros tem um emprego remunerado. Em mais de metade destes casais (57%) ambos os elementos do casal auferem ordenados. Nos restantes 43%, apenas um dos membros do casal, geralmente o homem, auferem um ordenado. No entanto, em 8% dos casos a mulher é o único elemento do casal que auferem um ordenado (porque o homem está a estudar, desempregado ou reformado).

O inquérito revela que a diferença entre o total de horas despendidas semanalmente no trabalho por ambos os membros do casal (62 horas) e as suas preferências (61 horas) é muito pequena. Isto não significa que todos os casais empregados estejam satisfeitos com a sua situação. Quando são tomados em linha de conta aspectos como o rendimento e a dimensão do agregado familiar, constata-se que existem, na realidade, diferenças significativas entre a situação actual e as preferências, o que não se reflecte nos números aqui apresentados.

Apenas um terço dos casais se revela mais ou menos satisfeito com os seus actuais horários de trabalho. Enquanto que cerca de um quarto dos casais gostaria de trabalhar mais cinco horas por semana, 41% gostariam de reduzir o seu horário de trabalho em mais de cinco horas por semana.

Como a tabela 1 indica, existe uma estreita relação entre as horas despendidas semanalmente no trabalho por semana por ambos os elementos do casal e a sua situação financeira. Quase metade dos casais (46%) considera-se numa situação financeira «desafogada»; este grupo inclui um grande número de casais onde ambos os elementos do

Tabela 1 — Total de horas de trabalho no agregado familiar

	Situação actual	Preferência
Todos os casais	62 horas	61 horas
<i>Situação financeira</i>		
● desafogada	66 horas	61 horas
● razoável	59 horas	61 horas
● c/ dificuldades	53 horas	64 horas
<i>Crianças no agregado familiar</i>		
● Criança mais nova < 6 anos	59 horas	61 horas
● Criança mais nova ≥ 6 anos	63 horas	61 horas
● Sem crianças no agregado familiar	63 horas	61 horas

Base: Casais com pelo menos um dos membros empregado.

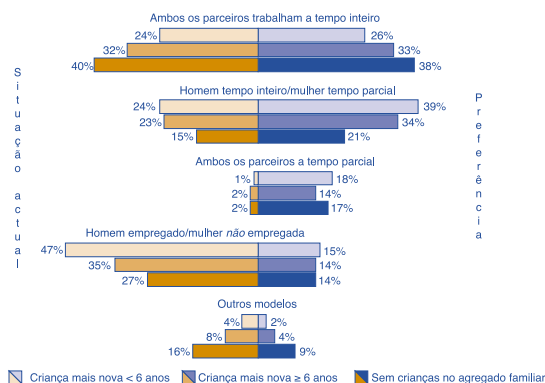
casal trabalham a tempo inteiro e que despendem no trabalho, em conjunto, o maior número de horas (66 horas). Praticamente o mesmo número (47%) afirma que se encontra numa situação financeira «razoável»; este grupo trabalha menos 7 horas que os elementos do primeiro grupo (59 horas). Não é, portanto, surpreendente que no grupo que indica ter dificuldades económicas (7% do total dos casais) seja frequente encontrar apenas um dos elementos do casal a auferir um ordenado. Os entrevistados que se enquadram neste grupo manifestaram grande vontade em aumentar o número total de horas de trabalho numa média de 11 horas.

O papel das crianças no agregado familiar

A maioria dos casais ou das pessoas que vivem com o seu ou a sua companheira (70%) têm filhos que ainda vivem com os pais. Destes, 24% têm filhos com idades inferiores a 6 anos, 45% têm filhos com 6 anos ou mais velhos e os restantes 30% ou não têm filhos ou os seus filhos já não vivem com os pais.

Surpreendentemente, a presença de crianças nos agregados familiares tem muito pouca influência no número total de horas de trabalho despendidas pelo casal no trabalho remunerado, sejam elas as horas efectivamente trabalhadas ou as horas que se desejaria trabalhar (ver a tabela 1). Os casais com crianças com idades inferiores a 6 anos apresentam o menor número de horas despendidas no emprego remunerado, mas indicam que gostariam de o ver aumentado (de 59 horas para 61 horas). Esta situação pode ser explicada pelo facto de que muitas mulheres neste grupo não estão empregadas, embora gostassem de ingressar no mercado de trabalho — pelo menos em regime de tempo parcial. Os outros grupos — os que têm filhos mais crescidos ou que não têm crianças nos agregados familiares — apresentam um total de horas de trabalho ligeiramente superior (63 horas): estes casais manifestaram o desejo de reduzir ligeiramente o número de horas despendidas no trabalho remunerado (para 61 horas).

Figura 4 — Participação no mercado de trabalho e crianças no agregado familiar



Base: Casais com pelo menos um dos membros empregado.

Se bem que existam diferenças surpreendentemente pequenas entre os casais com filhos e os casais sem filhos, no que diz respeito ao número total de horas semanais despendidas no trabalho, o modo como o trabalho é repartido pelos dois membros do casal é certamente influenciado pela existência de crianças e, em especial, pela idade da criança mais nova (ver a figura 4).

- Quanto mais novas forem as crianças no agregado familiar, menos provável é que *ambos os pais trabalhem a tempo inteiro*. Nos agregados familiares com crianças com menos de 6 anos de idade, apenas 24% dos pais indicaram que trabalham ambos a tempo inteiro. A percentagem equivalente para os agregados familiares sem crianças atinge os 40%.
- A percentagem mais elevada de agregados familiares (47%) em que *o homem está empregado e a mulher não encontra-se nos casais com crianças com idade inferior a 6 anos*. Se o casal não tem filhos, esta percentagem baixa para os 27%.
- O facto de as mulheres trabalharem a tempo parcial está nitidamente relacionado com a presença de crianças; sempre que há crianças no agregado familiar, um em cada quatro casais segue o modelo «*o homem trabalha a tempo inteiro e a mulher trabalha a tempo parcial*». Pelo contrário, sempre que o casal não tem filhos, a percentagem desce para os 15%.

É interessante notar que a existência de crianças tem pouca influência no facto de o casal, homem e mulher, pretender ou não participar no mercado de trabalho. A maioria dos casais preferiria que ambos os elementos trabalhassem e auferissem um ordenado (pelo menos em regime de tempo parcial), independentemente da presença de crianças no agregado familiar ou da idade da criança mais nova (ver a figura 4).

No entanto, se há crianças em casa e em especial se as crianças são muito novas, verifica-se um aumento do interesse por possibilidades de trabalho a tempo parcial. Se bem que apenas 20% dos casais tenham adoptado o modelo «*homem empregado a tempo inteiro, mulher a tempo parcial*», 31% dos casais demonstraram interesse por este tipo de trabalho. No entanto, o interesse relativamente elevado pelo modelo «*ambos os elementos do casal trabalham a tempo parcial*» parece existir independentemente da existência ou não de crianças no agregado familiar.

Conclusões

Este relatório centra-se na participação no mercado de trabalho e nas horas de trabalho despendidas pelos homens e pelas mulheres que vivem com a sua ou o seu companheiro. O inquérito revela que as decisões individuais relativas à decisão de aceitar um emprego e ao número de horas de trabalho semanal são influenciadas

pelo(a) companheiro(a), mas também se reflectem no(a) companheiro(a). É óbvio que as políticas de mercado de trabalho e as políticas sociais relacionadas com outros domínios da vida podem estar intimamente ligadas.

É claro que a actual distribuição de emprego entre ambos os membros do casal não coincide com as suas preferências. Os homens e as mulheres pretendem uma repartição mais equitativa da participação no mercado de trabalho e do número de horas despendidas no trabalho, independentemente da presença de crianças no agregado familiar e da idade das crianças. No entanto, a presença e a idade das crianças influenciam a preferência em termos de horas de trabalho: quando existem crianças muito novas no agregado familiar, muitos casais preferem que um dos membros, regra geral a mulher, trabalhe a tempo parcial.

Estes resultados provam que as acções concebidas para ajudar a conciliar o emprego e as responsabilidades familiares, no sentido de alcançar uma maior igualdade no que diz respeito à participação de ambos os membros do casal no mercado de trabalho, poderão vir a ser bem acolhidas por uma grande parte dos trabalhadores. Existem dois principais desafios que se colocam às políticas que visam a família e o mercado de trabalho.

1. O primeiro desafio que se coloca é o de ajudar as mulheres com filhos pequenos a participarem no mercado de trabalho. Em termos práticos, isto poderá significar a disponibilização de serviços de infantário/creches de elevada qualidade e a preços

acessíveis que possam igualmente ir ao encontro das necessidades de um mercado de trabalho em mutação (por exemplo, horários de trabalho irregulares).

2. O segundo desafio que se coloca é a necessidade de criar condições de trabalho adequadas que possam proporcionar apoio tanto às mulheres como aos homens no sentido de melhorar o relacionamento família e trabalho. A promoção de trabalho de qualidade em regime de tempo parcial — tanto para homens como para mulheres — mantém-se um assunto central nesta área. No entanto, o trabalho a tempo parcial só poderá ser um método eficaz de reconciliação da família com o trabalho e de promoção da igualdade de oportunidades se:

- for proposto e praticado por indivíduos com todo o tipo de qualificações (e não apenas em trabalhos que exijam um baixo nível de qualificações);
- for proposto, promovido e praticado tanto por homens como por mulheres;
- as perspectivas de progressão na carreira por parte do indivíduo não forem afectadas a longo prazo;
- for proporcionado um nível aceitável de protecção social;
- as pessoas tiverem possibilidade de regressar ao regime de trabalho a tempo inteiro, se assim o desejarem.

Acerca do inquérito sobre opções para o futuro em matéria de emprego

Este inquérito levado a cabo pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho durante o Verão e o Outono de 1998 envolveu 30 557 entrevistas efectuadas por telefone a pessoas com idades compreendidas entre os 16 e os 64 anos, em todos os 15 Estados-Membros da UE e na Noruega. Este inquérito fornece informações sobre a situação actual e as preferências futuras dos entrevistados no que toca ao emprego. À data em que foi efectuado, 43% (7 749 de 17 908) dos não empregados manifestaram o desejo de não trabalhar nos cinco anos seguintes. Este grupo de

entrevistados não foi incluído em análises posteriores. Salvo indicação em contrário, todos os números indicados neste relatório têm como fonte o inquérito sobre opções em matéria de emprego.

Definições utilizadas no texto:

Tempo parcial = menos de 35 horas por semana (salvo indicação em contrário)

Tempo inteiro = 35 horas por semana ou mais

Este documento foi elaborado para a Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho por Harald Bielenski e Josef Hartmann, *Infratest Burke Sozialforschung*, Munique.



PUBLICAÇÕES

As publicações da Fundação encontram-se à venda nas livrarias normais, podendo também ser obtidas junto dos agentes de vendas oficiais da UE ou do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, L-2985 Luxemburgo (endereço na Internet: www.eur-op.eu.int). Nos casos em que não estão indicados os preços, o documento é gratuito e encontra-se disponível no sítio Internet da Fundação, em www.eurofound.ie/publications/ ou pode ser obtido, a pedido, junto da Fundação.

1. **Full-time or part-time work: realities and options** (resumo)
EF/00/21
Disponível em ES, DA, DE, GR, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
2. **Trabalho independente: opção ou necessidade?** (resumo)
EF/00/22
Disponível em ES, DA, DE, GR, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
3. **Labour market participation: now and in the future** (resumo)
Disponível em ES, DA, DE, GR, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
EF/00/19
4. **Employment options and labour market participation** (relatório)
EF/00/26
Disponível em DE, FR e EN
5. **Os condicionalismos de tempo e a autonomia no trabalho** (resumo)
EF/97/43
Disponível em ES, DA, DE, GR, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
6. **Género e as condições de trabalho na União Europeia** (resumo)
EF/97/59
Disponível em ES, DA, DE, GR, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
7. **Bulletin of European Studies on Time – BEST**
Disponível em DE, EN e FR
Dois números por ano
8. **Reduction in working time: a literature review**
EF/98/11
Disponível em DE, EN e FR
EUR 18
9. **Supporting employability: guides to good practice in employment counselling and guidance**
EF/98/34
Disponível em ES, FR, IT e FI
10. **Managing an ageing workforce: a guide to good practice**
EF/98/65
Disponível em ES, DE, EN, FR e FI
11. **O combate às barreiras etárias no emprego** (resumo da investigação)
EF/97/18
Disponível em ES, DA, DE, EN, FR, IT, NL, PT, FI e SV
12. **Linking welfare and work**
EF/98/53
Disponível apenas em EN

PARA MAIS INFORMAÇÕES

Para obtenção de informações adicionais sobre o inquérito «Opções para o futuro em matéria de emprego», consulte o sítio Internet da Fundação (www.eurofound.ie) ou contacte:

Dimitrios Politis

Centro de Informação da Fundação
Tel.: (353-1) 204 31 40
Fax: (353-1) 282 64 56
E-mail: dmp@eurofound.ie

Copyright: Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho.

Reprodução autorizada, excepto para fins comerciais, desde que a fonte seja mencionada e uma cópia enviada à Fundação.

Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho
Wyattville Road, Loughlinstown, Dublin 18, Irlanda.

Tel.: (353-1) 204 3100

Fax: (353-1) 282 64 56/282 42 09

E-mail: postmaster@eurofound.ie

EF/00/25/PT



SERVIÇO DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS
DAS COMUNIDADES EUROPEIAS

L-2985 Luxembourg